



Patrícia Vasconcelos,
44 anos, directora de castings

INTUIÇÃO

Após 20 anos de actividade no meio, revela: 'Todo o meu trabalho é de sensibilidade, não é palpável'

► Estou sempre a catalogar.» Quando dirige um *casting*, procura na sua cabeça todos os rostos e nomes que lhe passaram à frente. «Sou capaz de desafiar um actor para um desempenho que não tenha nada a ver com o seu trabalho anterior.» Foi assim que encaixou Diogo Infante no papel de mau, em *Zona J*, de Leonel Vieira, ou se lembrou, por exemplo, de propor Cristina Câmara, na altura *booker* numa agência de modelos, para o lugar de atriz principal, em *Tentação*, de Joaquim Leitão. Com 20 anos de experiência, admite que se vai tornando cada vez melhor. «Nos primeiros minutos de uma audição, percebe-se logo se a pessoa é adequada ou não ao papel.»

Tomemos o exemplo de Cameron Winn, de 38 anos, director do espectáculo *Walking with Dinosaurs*, que chegará a Portugal dentro de algumas semanas, e de Helen Later, 41 anos, responsável pelo *casting*, que trabalham, desde as dez da manhã, no armazém lisboeta da empresa de Patrícia Vasconcelos. Numa sala ampla, de paredes brancas e despidas, os actores têm cinco minutos para mostrar aquilo que valem, dizendo o texto que lhes foi enviado. Mas, logo nos dois a três minutos de conversa de apre-

sentação, os dois britânicos ficam com um bom palpite sobre o resultado final. «A primeira impressão é muito importante, embora me esforce por manter a abertura», confessa Cameron.

Alguns dos candidatos surpreendem pela positiva, outros pela negativa. Frequentemente, no entanto, o primeiro palpite estava certo. A dupla já anda nisto há muitos anos e Portugal é o 23.º país em que a produção se instala. O teste é filmado, Cameron vai tomando notas, usando palavras-chave que o ajudarão a recordar, mais tarde, todas as prestações: o bonitinho, o que não decorou o texto, o que trouxe um pincel e por aí fora. «Ao longo do dia, vamos tendo *flashes* das várias audições e formando uma ideia», revela Helen Later. «Estamos a escolher a personagem principal – trata-se de uma decisão que não pode ser tomada de ânimo leve», destaca o director. Para logo admitir: «Acabamos por seleccionar de forma instintiva, justificando, depois, de maneira racional. Para isso, analisamos a parte física, a voz, a credibilidade da representação. Tomar decisões conscientes ajuda a ter a noção de que somos os decisores.» Um neurocientista não diria melhor. ▣

